



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

THE FRESHMAN/ 1925

O Caloiro

Um filme de Fred Newmeyer e Sam Taylor

Realização: Fred Newmeyer e Sam Taylor/ **Argumento:** Sam Raylor, John Grey, Ted Wilde, Tim Whelan (e não creditados: Clyde Bruckman, Jean Havez e Brooks B. Harding)/ **Fotografia:** Walter Lundin e Henry Kohler/ **Direcção Artística:** Liell K. Vedder/ **Montagem:** Allen McNeil/ **Intérpretes:** Harold Lloyd (Harold «Speedy» Lamb), Jobyna Ralston (Peggy), Brooks Benedict (o «College Cad»), James Anderson (Chester A. «Chet» Trask), Hazel Keener (a «College Belle»), Joseph Harrington (o alfaiate), Pat Harmon (treinador) Charles Stevenson (assistente do treinador), Oscar Smith (motorista de Dean), Grady Sutton e Charles Farrell (estudantes), Gus Leonard (criado), Pete (Mike, o cão mascote).

Produção: Harold Lloyd Corporation, para a Pathé/ **Cópia:** Cinemateca de Praga, em 35mm, preto e branco, muda, com intertítulos em checo, e legendas electrónicas em português/ **Duração:** 82 minutos a 20 imagens por segundo/ **Estreia Mundial:** New York, em 20 de Setembro de 1925/ **Estreia em Portugal:** cinema Tivoli, em 18 de Março de 1929.



Geralmente Harold Lloyd costuma ser apontado como o quarto ás do baralho burlesco do cinema mudo americano, junto a Charles Chaplin, Buster Keaton e Harry Langdon. Tal como os dois primeiros, Lloyd estreou-se cedo no cinema (ainda antes de Chaplin, pois apareceu, pela primeira vez no ecrã, em 1913, como extra no papel de um... índio yaqui (!) em **The Old Monk's Tale**). Mas começou a destacar-se em 1915 com a criação de uma personagem, «Lonesome Luke» até 1917 ao longo de dezenas de «two reels» que rivalizariam em popularidade com os de Chaplin e Keaton, e lhe valeriam uma carinhosa alcunha entre nós, o «Liró», digno parceiro do Charlot e do Pamplinas. Como os seus «compagnons de route», Lloyd enveredou pela longa-metragem logo no começo da década de 20, concretamente a partir de **Grandma's Boy/Harold Neto Amimado**, de 1922, após algumas experiências em dilatar um pouco mais as tradicionais «two reels». Apesar de ter enfrentado com segurança a passagem para o sonoro acabou por abandonar o cinema em 1938 com o filme **Professor Beware/Professor, Tenha Cautela!**, realizado por Elliott Nugent, só voltando 9 anos depois, por insistência de Preston Sturges que o dirigiu em **The Sin of Harold Diddlebock/Os Piores Anos da Sua Vida**. Homem de negócios avisado (tornou-se um dos elementos mais ricos da comunidade cinematográfica de Hollywood), aconselhado pelo seu sogro

financeiro, tornou-se cedo produtor dos seus filmes o que lhe permitiu continuar a explorá-los após o seu afastamento. Nos anos 60 surgiram duas compilações dos «melhores momentos» dos seus filmes, compilados e apresentados pelo próprio Lloyd: **Harold Lloyd's World of Comedy/A Comédia do Mundo** e **The Funny Side of Life/O Lado Cómico da Vida**. A segunda apresentava após uma selecção de gags de outros filmes, o **The Freshman** quase na íntegra. Uma sequência do mesmo filme (o jogo de futebol americano com que termina) servia também de abertura para o já referido **The Sin of Harold Diddlebock**, o que testemunha do particular apreço em que este filme era tido tanto pelo seu intérprete como pelo público. **The Freshman** foi um dos maiores sucessos de bilheteira de Lloyd (foi o terceiro no Top Ten de 1925) que tendo custado 300 mil dólares deu de lucro mais de dois milhões e meio, e foi o último que Lloyd fez para a Pathé, tendo transitado no ano seguinte para a Paramount que lhe fez uma oferta «que não podia recusar» (tanto em percentagens como nos direitos sobre os filmes).

O filme teve, aliás, um percurso diferente no habitual método de trabalho de Lloyd. Lloyd começava sempre por filmar o clímax final dos seus filmes, construindo os gags e a narrativa a partir daí (para ele o que era fundamental era um «grande final»). Assim começou por fazer com **The Freshman**, levando a equipa para o Rose Bowl, em Pasadena, Califórnia. Ao fim de dois dias de filmagens, Lloyd interrompeu-as e mandou os colaboradores regressarem. O problema levantou-se quando Lloyd, à procura de ideias para desenvolver a intriga que levava aquele momento se começou a interrogar por que razão era tão importante, para o seu herói, ganhar o jogo. Lembra-se da história de Michael Powell e Emeric Pressburger na escrita do argumento de **I Know Where I'm Going?** Foi para «descobrirem» por que razão a heroína queria chegar à ilha, que eles começaram a escrever o argumento. Para descobrir as razões do seu herói, Lloyd abandonou o seu sistema e fez **The Freshman** por ordem da narrativa, sequência a sequência. Pode assim perceber as motivações de «Speedy» para a grande cena final, que foi filmada no Berkeley Bowl, de Califórnia, com a multidão real que assistia ao jogo Stanford contra University of Califórnia-Berkeley, antes do início do jogo e durante o intervalo, com os «close ups» filmados mais tarde no Pasadena Rose Bowl vazio. Ainda no que se refere à realização refira-se outra sequência: a do baile com a sucessão de gags à volta do fato alinhavado de Harold. O actor pensou que seria exagerado «perder» as calças na cena, ficando-se apenas pelo casaco aos bocados. Mas uma *preview* mostrou-lhe que o público não achou graça suficiente, pelo que chamou de novo a equipa para filmar de novo a cena, agora com as calças descosidas.

The Freshman é um dos filmes mais sugestivos da personagem e «ideologia» de Harold Lloyd. Dos referidos «ases do burlesco», Lloyd é o mais «americano». Chaplin, Keaton e Langdon têm uma dimensão «universal»: os seus dramas e conflitos são entendidos em toda a parte do mundo. Lloyd contrasta com eles. É o optimista nato, o perfeito representante de uma geração «Horatio Alger» americana. Enquanto os outros estão praticamente sujeitos à condição em que vivem (o Charlot pobre, o Pamplinas geralmente rico, o Langdon num labiríntico meio termo), Lloyd é um monumento de energia atrás dos seus objectivos, sejam a rapariga, a riqueza ou a fama. É evidente que Lloyd (que acredita no que diz e na sua personagem) evita o lado negativo, aquele que, noutras circunstâncias corresponde à desenfreada «rat race», em que vale tudo na corrida para o sucesso. A moral dos seus filmes é sempre a mesma: é preciso acreditar firmemente em si próprio e nas suas capacidades. É quando ele deixa de «fingir» ser outro, em **The Freshman**, que está maduro para o triunfo, tal como em **Grandma's Boy** pode dispensar o amuleto que lhe «dava» força quando passa a acreditar em si mesmo. A «moral» de **The Freshman** está na frase da namorada, Peggy: «Deixa de fingir, Harold – sê tu próprio!». O filme é também representativo do humor «de acção» de Lloyd, que tem no jogo de futebol americano o seu clímax e afirmação. O sucesso do filme daria lugar a imitações e paródias, em especial nalguns desenhos animados, e a sua influência fez-se sentir em filmes mais recentes como **Drive, He Said**, de Jack Nicholson (1971). A título de curiosidade diga-se ainda que o cão, que aterroriza «Speedy» nos treinos, é Pete, filho de Pal, o cão original do grupo **Our Gang/A Pandilha**.

Manuel Cintra Ferreira